Ano VII — Lisboa, Janeiro de 1951 — N.º 69

SEMPRE PRONTO

MENSÁRIO ESCOTISTA

NÚMERO AVULSO 1$50

Assinaturas { De 12 números 18$00 / De 6 números 9$00

Director e Editor
Eduardo Ribeiro

Administrador
Capitolino Ferreira Macedo

Redactor principal
Joel Ribeiro

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
Trav. de Vitorino de Freitas, 9
AJUDA — LISBOA

COMP. E IMP. OTTOSGRÁFICA, LTD. / C. BARÃO, 50 ● PROPRIEDADE DO CÍRCULO FRATERNAL DE COOPERAÇÃO ESCOTISTA (EM ORGANIZAÇÃO)

O SEXTO ANIVERSÁRIO DO "SEMPRE PRONTO,,

Não é sem emoção que nos dirigimos aos nossos benévolos leitores—melhor aos nossos bons Amigos — para anunciar que o «*Sempre Pronto*» completa seis anos de existência e inicia com o presente número o sétimo ano de publicação. E essa emoção é tanto maior quanto é certo que pela nossa imaginação passam, neste momento, recordações das lutas, dos esforços, das canseiras e das aspirações, afirmação de vontade que tem tornado possível a regular saída do nosso mensário. Um jornal dos Escoteiros de Portugal com seis anos de publicação ininterrupta é êxito só agora obtido e, por isso mesmo, não ocultamos a alegria com que damos começo a um novo ano de trabalho. A nossa satisfação é ainda maior porque reconhecemos que este sucesso se deve ao acolhimento simpático que o nosso jornal tem tido a felicidade de receber de um núcleo numeroso de amigos que, apreciando o nosso esforço, reconhecendo o valor da nossa tarefa, compreendendo o alcance dos nossos objectivos, permanecem junto de nós, amparando a iniciativa, dando-nos alento em constantes manifestações de simpatia.



Temos tido trabalho, é certo. O «*Sempre Pronto*», embora modesto, tem sido um jornal com um programa. Tem-nos interessado sobremaneira — desde o primeiro número, quando o Movimento quase agonizava—sustentar o facho do Escotismo. Temos diligenciado definir princípios e doutrinas, expurgar o Escotismo de imitações nocivas de que não necessitamos, procurando ensinar, prevenir erros e deficiências, patrocinar iniciativas úteis, acolher ideias sãs; e só depois nos tem interessado a propaganda, mas esta mesmo fundamentada em obra feita.

Há quem afirme que os Escoteiros de Portugal devem a sua existência ao «*Sempre Pronto*», que sem a sua acção estimulante tudo teria caído na indiferença que mata e dissolve. Talvez não seja tanto assim, mas comparando o Movimento de hoje com o de há seis anos, grande diferença se nota, com a certeza de que se pode conquistar maior desenvolvimento e organização eficiente na hora em que os seus dirigentes quiserem dar as mãos entre si e ser Escoteiros acima de tudo.

Tem sido um jornal feliz o «*Sempre Pronto*». As suas inúmeras dificuldades — e tantas têm surgido! — quase todas solucionadas. Tem executado, número a número, o seu plano; estabelecido amizades através do continente, do ultramar e até do estrangeiro; animando ideias, reunindo amigos bons e colaboradores dedicados, sem, no entanto, se perder em louvaminhas. O «*Sempre Pronto*» tem também tido o privilégio de reunir adversários, os eternos descontentes, aqueles que desde há anos constantemente entravam a marcha do Movimento com a sua conduta censurável, com as suas questões, até mesmo com a sua sabedoria excepcional e exclusiva do Escotismo e dos seus métodos. Mas onde está o trabalho vitorioso que não crie despeitados? Que alegria contá-los como adversários!

Se aos amigos, neste sexto aniversário, queremos expressar o nosso reconhecimento pela sua simpatia, pela sua ajuda preciosa, aos adversários também agradecemos a sua crítica, o seu despeito. A sua presença como opositores é a prova de que o «*Sempre Pronto*» realiza obra, pois se a sua acção se não fizesse sentir salutar e útil, não teríamos a honra de os ter como adversários.

(Conclui na 2.ª página)

FIM DO ANO

MOMENTO DE REFLEXÃO

A vida é um caminho a percorrer. A imagem, apesar de velha, é sempre oportuna. O tempo e o espaço, tão afins entre si, chegam por vezes a confundirem-se, a absorverem-se. Disso a proveniência da metáfora.

O findar de um ano é como que uma suspensão na marcha. É necessário retemperar as energias e reparar as **equipagens** *da* **caravana**. *O ensejo é magnífico para uma revisão ao* **itinerário** *escolhido. Além disso há as* **vistas** *fixadas, que sabe bem rever de vez em quando, bocadinhos, como são, do passado vivido.*

Paremos um pouco, portanto, e olhemos para trás. Meditemos e vejamos, depois, o **horizonte**, *onde vamos em seguida embrenhar-nos. Talvez que, da nossa meditação, renasçam lembranças dolorosas. Embora; mas as tristezas são também proveitosas lições.*

Nem todos os **caminhos** *são bons; há-os difíceis, de* **piso** *irregular, onde pedras de arestas afiadas nos fe-*

rem os pés. Às vezes, erguem-se altas montanhas que temos de transpor, ou rios caudalosos para atravessar, onde faltam as pontes ou barcas.

Recordamos também os momentos de alegria. São quando a senda serpenteia por verdejantes planuras, onde os arroios vêm mansamente beijar a berma do caminho em que vemos, aqui e ali, o melro e o gaivão, esvoaçando, a levar alegremente o sustento aos biquitos famintos. As flores e os prados bordam as estradas, as árvores acariciam-nos com a sombra acolhedora dos seus ramos.

Não quedemos, contudo, a rememoriar o passado. Não tarda que retomemos a marcha e é preciso escolher o percurso. Há estradas planas e espaçosas e há-as estreitas e pejadas de pedregulhos. Porém cuidado! Não nos deixemos aliciar pela brandura do piso. Essas estradas quase sempre conduzem a cidades infectas, cujas vielas se cruzam num dédalo de perdição, onde mora o vício e a miséria. Talvez que, atalhando por sendas menos amplas, consigamos atingir o planalto. Ali vive a felicidade e a paz. Vale a pena subirmos às escostas escarpadas, lançarmo-nos em declives acentuados, em que estreitas gargantas contornam desfiladeiros vertiginosos. Mas que importa? Se, afinal, pudermos descansar sob o azul putíssimo do céu, e tendo a nossos pés, como um tapete gigantesco, o surpreendente panorama da Natureza?

Não vacilemos, escolhamos o melhor. Não tarda que a caravana levante as suas tendas e a carreira continue. Não nos percamos na encruzilhada. Ter de arripiar caminho é sempre uma derrota. Não nos tente a facilidade do percurso. Evitemos outrossim os atalhos tortuosos e escusos, onde, a toda a hora, subsiste o perigo de ataque dos salteadores.

Olhamos, além, o termo da viagem e escolhamos o destino melhor, ainda que sejam necessários os maiores sacrifícios para o atingir. Não hesitemos ante o trilho eriçado. Mais tarde, quando soar novamente o sinal de paragem, há-de ser bom contemplar as dificuldades vencidas e a posição conquistada.

JOEL RIBEIRO

UMA FESTA NO GRUPO N.º 1

O Grupo n.º 1 dos Escoteiros de Portugal realizou, no dia 11 de Novembro último, uma festa escotista, durante a qual prestaram Compromissó de Honra 4 aspirantes, foram entregues insígnias e



apresentada uma pequena peça escotista. Assistiram as famílias dos escoteiros, servindo-se no final castanhas a escoteiros e visitas. Na gravura vêem-se os escoteiros do Grupo n.º 1 que assistiram à festa

O Sexto Aniversário do "Sempre Pronto,,

(Conclusão da 1.ª página)

Claro que o nosso jornal não é obra perfeita. Felizmente que, mesmo a nós, não satisfaz, e desejaríamos fazer melhor. Empregaremos contìnuamente nesse sentido o nosso esforço, pedindo aos nossos Amigos que nos dêem sempre as suas sugestões, nos apontem deficiências, encaminhem até nós as suas ideias. Por nossa parte prometemos continuar a ilustrar o sugestivo desenho de Baden-Powell, que ilustra estas linhas, chutando do IMPOSSÍVEL o «IM», provando que é POSSÍVEL aos Escoteiros de Portugal terem um órgão de imprensa, como possível é rasgar os horizontes do Escotismo Português e organizar com eficiência e amplitude as suas actividades.

O XVII Aniversário da fundação do Grupo n.º 53

Conforme dissemos no último número, o Grupo n.º 53 comemorou o seu aniversário com uma sessão solene que se efectuou no salão de festas da Igreja de que é anexo. Presidiu o Sr. Luís Grau Tovar de Lemos, Escoteiro-Chefe Geral; ladeado pelos Srs. Rev. Eduardo Moreira, Dr. Leopoldo Figueiredo; Escoteiro-Chefe Regional, Ernesto Clímaco do Nascimento e o Director do «*Sempre Pronto*».

Após a abertura da sessão, usou da palavra o Director do nosso jornal, Sr. Eduardo Ribeiro, a cargo de quem estava a palestra do dia, que, depois de saudar e felicitar o Grupo 53, tomando por tema a passagem do Evangelho: *Jesus crescia em sabedoria, em estatura e em graça para com Deus e os homens,* teceu várias considerações acerca dos princípios que devem orientar a verdadeira educação.

O Chefe do Grupo 53, Sr. Armando Lino, num breve discurso referiu-se à actividade intensa do seu Grupo, disse dos trabalhos do último ano, tendo-se referido aos objectivos do Escotismo e apelando para os Pais dos Escoteiros para que colaborem e patrocinem a actividade do Grupo, que pretende ajudá-los a educar os filhos.

Depois da leitura da Ordem de Serviço pelo Sub-Chefe Sr. José Ferreira, procedeu-se ao Compromisso de Honra de 5 novos escoteiros. Cerimónia interessante, a que o Chefe do 53 deu um cunho bem escotista, que comoveu a numerosa assistência pela manifestação de sinceridade das expressões dos novos escoteiros, quer na prestação do Compromisso, quer no diálogo de recepção nas patrulhas.

Após a distribuição de muitas insígnias, estrelas de serviço e provas de classe, usaram ainda da palavra o Rev. Eduardo Moreira e o Sr. Dr. Leopoldo Figuiredo, depois do que a sessão foi encerrada pelo Escoteiro-Chefe Geral, Sr. Tovar de Lemos, que fez o elogio do Grupo 53 e do seu Chefe, afirmando que era um Grupo exemplar, onde nada havia a desculpar, porque só merecia louvores.

Um almoço a 25 crianças

O almoço que o Grupo 53 ofereceu no dia 3 a 25 crianças pobres, foi uma autêntica Boa Acção, em que os rapazes do 53 puseram todo o seu entusiasmo, tendo acolhido os seus protegidos com o maior carinho.

As crianças tiveram uma refeição excelente e abundante, que muito as alegrou.

Encontro de voleibol

No Ginásio da A. C. M. defrontaram-se no dia 10, em voleibol, duas equipas dos Grupos n.os 1 e 53, que disputaram com entusiasmo o encontro, tendo vencido o 53 por 13 a 7 e 15 a 11.

O «Sempre Pronto» formula votos de que todos os seus amigos e colaboradores gozem de um Ano Novo venturoso e próspero.

O "SEMPRE PRONTO,,

Vende-se em Lisboa na

Rua do Ouro, 124

Rua Nova do Almada, 46

Uma Festa de Aniversário no Grupo n.º 99

No Domingo, dia 17 de Dezembro, o Grupo n.º 99 efectuou na sêde do Grupo Dramático «Os Combatentes», a que está anexo, uma sessão comemorativa do XVI aniversário. Presidiu o Sr. Ribeiro Nunes, secretariado pelos Srs. Eduardo Rolão, Tesoureiro Geral Adjunto, que representava o «*Sempre Pronto*»; Otelo Henrique de Sousa, da Região Centro; e um delegado da Direcção de «Os Combatentes».

O Sr. Ribeiro Nunes abriu a sessão e felicitou o Grupo e o seu Chefe pelo ressurgimento do 99, e em nome da Região Centro o Sr. Otelo H. de Sousa dirigiu também felicitações, que o Sr. Gomes Alves, Chefe do Grupo, agradeceu.

Simultâneamente esteve aberta ao público a exposição de fotografias promovida pelo Grupo 5, que tem percorrido diversas sedes, a qual foi muito visitada. No palco da sala estava montado um modelo de acampamento.

★ ● ★

Dos Amigos do "Sempre Pronto,,

Casamento—Em 19 de Novembro último efectuou-se o enlace matrimonial da Sr.ª D. Helena Brito Ferreira com o nosso estimado assinante e antigo escoteiro do Grupo 94 Sr. Jaime Famoso Ferreira. Aos noivos o «*Sempre Pronto*» expressa votos de muitas venturas.

Nascimentos—Encontra-se de parabéns o nosso estimado assinante Sr. Alexandre Ascensão Cardoso, ex-Tesoureiro Geral, e sua Esposa, pelo nascimento do seu segundo bebé, um formoso rapaz a quem desejamos uma longa vida e mil felicidades.

"Jamboree,, dos Escoteiros da América do Norte

O Presidente Truman e os Escoteiros

O Presidente da Nação mais poderosa da Terra, Henrique Truman, veio especialmente de Washington, na tarde de 30 de Junho findo, para inaugurar o «Jamboree dos Escoteiros da América do Norte» que se celebrava em Valley Forge (Vale de Forge), o famoso local de onde George Washington conduziu o seu diminuto exército durante o inverno de 1777, quando tudo anunciava a derrota, menos o valor e a fé que nos destinos do seu grande povo tinha o insigne Libertador das treze Colónias.

Desta circunstância desfavorável valeu-se o actual Presidente ao dirigir-se aos Escoteiros para expressar-lhes que os homens desse exército tiveram fé na Causa e na Liberdade e por essa fé a ganharam. Mostrou a sua alegria por os Escoteiros incluírem nos seus ensinamentos o cordeal entendimento entre os povos dos diferentes países, debaixo do signo da Paz e da Liberdade. Quão diferente é, a seu juízo, o ensinamento forçado que dão à sua juventude os países dominados pelo comunismo, onde o Estado tirânico destrói os vínculos da família e da religião, e a priva das mais elementares liberdades, para o triunfo do seu credo e avassalamento da humanidade. Confia em que o Movimento Escoteiro no seu país, e nos demais países, tenha um claro conhecimento da fraternidade humana e trabalhe pela paz e pela liberdade com a mesma fé ardente dos soldados de Washington em Valley Forge.

Quão diferente estava, ontem, esse vale quando serviu de quartel ao diminuto Exército Libertador da América do Norte! Agora, tudo era beleza e esplendor. Em suas ondulantes planícies cobertas de verdes relvados e circundadas de umbrosos arvoredos, que hoje formam o Parque Nacional de Valley Forge, erguiam-se as barracas multicores dos alegres cavalheirescos escoteiros. Havia-as aos milhares, realizando o milagre shakespeariano de transformar-se numa noite um imenso prado quase solitário, na mais efémera e animada das cidades, não dividida por ruas sinuosas, senão por grupos, como se fossem bairros, um para cada Estado dos 49 da União dos Estados Unidos da América, inclusive Alasca, Havai e Porto Rico. Outros países estavam, também, ali representados e recordamos Cuba, Canadá, México, Venezuela, Japão e Filipinas. O espectáculo, já de si muito interessante, culminou em grandiosidade, quando os 50.000 jovens, com as suas bandeiras e estandartes ao alto, começaram a desfilar, em variados e escalonados movimentos, por aquele imenso vale, ao som de trombetas e tambores e na presença de mais de cinquenta mil visitantes. No centro, erguia-se uma plataforma ocupada pelas autoridades e representações oficiais, de onde o Chefe da Nação norte-americana pronunciou o seu admirável discurso de repercussão universal, nestes momentos cruciais que atravessa o mundo.

O «Jamboree» realizado corresponde ao 40.º aniversário dos Escoteiros da América do Norte e à 40.ª reunião anual do Conselho Nacional desta organização escoteira que, actualmente, conta no seu seio mais de dois milhões e meio de escoteiros, lobinhos, pioneiros, chefes e dirigentes. Formoso exemplo de vital entusiasmo. O Movimento iniciado por Baden-Powell nos primeiros anos do século, teve aqui a melhor acolhida ao compreender, tanto o povo como o Governo, a sua justificada influência na educação juvenil e na formação de uma cidadania sã e fecunda.

Todas as classes sociais coadjuvaram para o êxito desta instituição, porque o nome de escoteiro caracteriza o rapaz nobre, honrado, generoso, valente, educado e tolerante, síntese de qualidades que integram a perfeita cidadania. Porém, é a classe rica, os grandes industriais e empresários, os que de modo principal prestam o seu concurso económico para que esta benemérita instituição tenha tomado tão assombroso progresso. Alguns deles estavam entre os que compareceram para receber a condecoração dos Escoteiros Norte-americanos «Búfalo de Prata», que recompensa os serviços distinguidos à mocidade. Basta citar a Harry Messiter Addinsell, financeiro de Nova Iorque que preside a «The First Boston Corporation»; Charles Franklin Kettering, engenheiro e manufactureiro de Ohio e grande filantropo; Arthur A. Schuck, pioneiro do escotismo, de Missouri Valley College e membro de numerosas organizações cívicas. Todos compareceram perante o Conselho Nacional de Honra presidido pelo Dr. George J. Fisher e no qual figuravam homens como o Almirante Richard E. Byrd, Belmore Browne, James Clark, Edgard Hoover, Edward V. Richenbacker, herói da aviação de guerra, e outros, entre os quais o glorioso general Dwinght Eisenhower, que não pôde comparecer pelas suas grandes responsabilidades actuais.

Para esta grande obra, o Governo contribuiem primeiro lugar. Ultimamente os Serviços do Correio, atendendo a especiais instruções, outorgaram o tributo de um selo de correio em homenagem ao Movimento Escoteiro, que leva a seguinte legenda «On my honor I will do my best». A impressão é de 125 milhões de selos, vendidos a três centavos.

Grande país este, tão caluniado por alguns, como admirado por todos os que confiam que uma vez mais não se eclipse a estrela da liberdade.

DR. ROGÉLIO PINA Y ESTRADA

(Boletim do Conselho Interamericano de Escotismo).

Transcrito da Revista «Alerta!» da União dos Escoteiros do Brasil.

Uma interessante festa no Grupo n.º 94

Os rapazes da Patrulha «Águia» do 94 estão de parabéns. No dia 8 de Dezembro findo, na sua sede, a patrulha, cujos componentes têm de 12 a 14 anos, por sua própria iniciativa promoveram uma festa, em que apresentaram o auto de Gil Vicente «Todo o Mundo e Ninguém» e o episódio «Regeneração» da autoria de um deles—o Mariano Inácio.

Em complemento, apresentaram imitações, monólogos, poesias e anedotas, que entusiasmaram e fizeram rir a assistência que enchia por completo a sala, cerca de 70 pessoas, que saíram dali encantadas com o bom gosto da «Águia».

A abrir, o 1.º escoteiro da patrulha disse algumas palavras de apresentação e, em encerramento, cantaram canções e o hino da «Águia»:

As águias voam e nós também voamos,
elas com asas e nós com o ideal, etc.

No final o Chefe do Grupo 94 felicitou a patrulha pela sua feliz iniciativa e pelo êxito alcançado, tendo tomado o Compromisso de Honra ao novo escoteiro da «Águia» Afonso Cruz.

Eis uma iniciativa que bem pode servir de exemplo a outras patrulhas e que além de constituir uma interessante oportunidade para convidar as famílias dos Escoteiros, é uma forma de angariar fundos.

O ESCOTISMO É UM JOGO ALEGRE



E. C. Carlos Alves Centeno

Vitimado por doença que em dois dias o roubou ao convívio da Família e dos amigos, faleceu em 4 de Dezembro findo, este nosso estimado assinante.

O Chefe Centeno frequentou a Escola de Chefes em 1923, exerceu o cargo de adjunto dos Serviços Gráficos da A. E. P. e foi Chefe do Grupo n.º 6 quando este era apenas formado por lobitos e tinha a sua sede em Lisboa, tendo chefiado mais tarde na Liga dos Combatentes o Grupo que ali funcionou.

De carácter franco e leal, possuía as qualidades de um verdadeiro Chefe, sempre interessado pelos seus escoteiros. Retirado da actividade por motivos da sua vida profissional, sempre manifestou interesse e entusiasmo pelo Movimento e ainda recentemente esteve de visita ao Acampamento Nacional.

Era Pai do actual escoteiro do Grupo 2 Fernando Centeno.

O funeral realizou-se no dia 5 de Dezembro findo, tendo comparecido os Srs. Escoteiro-Chefe Geral, os Chefes dos Grupos 2 e 53, e três escoteiros fardados daquele Grupo, e muitos amigos e colegas do extinto.

À Família em crepes, particularmente ao nosso irmão-escoteiro Fernando Centeno, apresenta o «*Sempre Pronto*» condolências sentidas.

* * *

Em Carcavelos faleceu recentemente o Escoteiro Augusto Vieira, que estava encarregado de reorganizar o Grupo 16 daquela Vila.

À sua família o «*Sempre Pronto*» apresenta condolências.

As comemorações do 1.º de Dezembro

O Dia da Restauração foi comemorado pela Região Centro. De manhã, os grupos reuniram-se no Parque Eduardo VII para realizar o desfile junto do Monumento dos Restauradores. O programa estabelecido para o dia foi, porém, lamentàvelmente alterado, com manifesto prejuízo do brilho das comemorações. Os grupos seguiram, então, em camionetas gentilmente cedidas pelo Sr. Comandante da Polícia de Segurança Pública, para a Rua Almeida Brandão, 6, onde foi inaugurada a nova sede do Grupo n.º 2.

Após a cerimónia, novamente nas camionetas, os grupos seguiram para bordo do «Vanguard» que visitaram demoradamente, correspondendo ao convite que nesse sentido foi feito pela Embaixada Britânica.

O DESFILE JUNTO AO MONUMENTO

Terminada a visita ao «Vanguard», onde os escoteiros foram carinhosamente recebidos pela tripulação, as camionetas conduziram os escoteiros até à Praça do Comércio, onde se organizou o desfile. Os grupos da Região, precedidos por clarins e tambores do Grupo 99, subiram a Rua Augusta, e chegaram junto do Monumento às 13 horas, e, perante a continência dos Escoteiros, o Chefe Regional colocou na base do Monumento um ramo de flores.

A Região prosseguiu no desfile, tendo destroçado na Praça da Alegria.

Poucos minutos antes dos Escoteiros de Portugal, tinha desfilado junto do Monumento, e prestado igual homenagem, a Região de Lisboa do Corpo Nacional de Escutas.

PARA INGLÊS VER

Velho dito português que deve ter a sua origem na maneira superficial como se realizavam as coisas, para lhe dar só aspecto exterior e sem que houvesse a intenção de cuidar do íntimo das questões.

Aos que assim procediam, interessava sòmente fazer boa figura. Se procurássemos o modo como o assunto tinha sido preparado, quais os cuidados aplicados nos pormenores da sua realização, chegava-se ràpidamente à conclusão de que tudo tinha sido preparado à pressa, sem ordem, quase sem um objectivo e, sòmente como recurso, tinha interessado dar a entender aos outros que tudo fora feito com plano, com ordem e que o objectivo fora atingido, deitando assim poeira nos olhos dos observadores incautos que se deixassem ir na onda da glória que os próprios a si tinham preparado.

Uma atitude destas perante os problemas é, no fundo, um sintoma de falta de sinceridade, de respeito pelos outros e por si próprios, sinónimo de incompetência e falta de energia.

Mas este mal não é de hõje nem de ontem, sempre tem existido. Numas épocas mais, noutras menos, nuns países ou noutros com maior ou menor acentuação, mas a sua origem tem raízes profundas na defeituosa personalidade humana. Para que desapareça é preciso que sinceramente empreguemos todos os nossos esforços para esse combate a nós próprios, de resto o mais duro de todos os combates. Por isso me recordo duma legenda que acompanhava uma figura de S. Jorge combatendo o temível dragão e que dizia: «Que mais ríjo combate haverá, que a si próprio vencer-se?»

É por isso que não é Escoteiro quem deseja; para o ser não basta fazer-se um Compromisso de Honra, nem tão pouco cumpri-lo passivamente, não basta vestir a farda, nem ir ao campo e aprender as várias provas de classes; é necessário, e acima de tudo, combater aquilo que ìntimamente nos diminua; é necessário, ao menos, ter-se a preocupação constante da melhoria das nossas qualidades; é necessário, em resumo, batermo-nos como S. Jorge contra o mal, por aquele mal que nos mina. Para isso, para nossa ajuda, lá temos a Lei e o Compromisso que nos servirão de amparo; lá temos a destreza que nos dá a vida ao ar livre e os conhecimentos obtidos pelas provas de classe.

Lei e Compromisso, as provas, os acampamentos, os concursos e tantas outras actividades não são objectivos a atingir pelo Escotismo, são sim, e antes, meios à disposição dos Chefes para provocar nos seus escoteiros a necessidade de se analisarem e com esses meios, eles próprios, terem maior possibilidade de êxito no duro combate que têm de travar consigo próprios.

Por isso é preciso que vós, Chefes, não vos esqueçais destes pontos basilares para, assim, melhor verdes cumprida a vossa missão.

Este aspecto individualista do velho dito tem também a sua projecção nas organizações, estados e povos, e há também que combatê-lo.

Sob o aspecto associativo e do Escotismo Nacional há que ponderar, todos, muito sinceramente, nestes pontos, tanto mais que bem recentemente fomos visitados por muitos estrangeiros, entre os quais muitos ingleses e seria desprimoroso se deixássemos que o dito pudesse ser-nos aplicado.

Organizou-se a recepção e as actividades inerentes às Reuniões Internacionais, preparou-se e realizou-se um Acampamento Nacional, que à vista dos visitantes parece ter merecido alguns bons comentários. Torna-se, por isso, obrigatório que todos nós, desde o mais simples escoteiro aos guias, chefes e dirigentes, saibamos fazer com que não possam lançar-nos em cara que tudo o que fizemos foi só «para inglês ver»; é necessário que continuemos trabalhando todos, não esquecendo nunca que aquilo que interessa é realizar trabalho que perdure através dos tempos; isso só poderá acontecer se for realizado com método, ordem, perseverança, procurando aperfeiçoar e vitalizar aqueles dons permanentes dos Homens e das instituições; é necessário que todos, escoteiros, chefes e dirigentes analisem de tempos a tempos os seus actos e, com espírito crítico construtivo, procurem modificar aquilo que de tal reconhecerem necessitar, não tendo a preocupação de julgar ter atingido já a perfeição.

Tivemos uma oportunidade que nunca tínhamos tido; é indispensável não a deixarmos perder para bem do nosso Escotismo, o que é o mesmo que dizer para bem dos nossos rapazes e do nosso tão querido Portugal. É indispensável que trabalhemos por esse aperfeiçoamento geral com todo o nosso esforço e sinceridade para que ninguém, amigo ou inimigo, nos possa acusar de qualquer negligência ou de falsearmos o nosso objectivo e razão de ser.

Façamos cada um, individual e colectivamente, todos os nossos actos não «para inglês ver» mas sim para nós próprios vermos e nos satisfazermos com o nosso trabalho.

Iniciou-se um novo ano de actividades que promete ser de trabalho. É possível que Portugal se faça representar no «Jamboree» de 1951, na Áustria, ou em qualquer outra actividade no estrangeiro; por isso, interessa levar lá deputações que tenham real valor e que dignifiquem a Nação. Convençam-se todos aqueles que tiverem pretensões a lá ir que têm grande responsabilidade e que será desagradável e deprimente para nós se, debaixo de uma capa vistosa e garrida, os outros descobrirem mazelas que bem podiam não existir. Haverá nas nossas fileiras bons elementos, mas a palavra de ordem, de hoje e de sempre, será de os bons se tornarem melhores e os outros realizarem um esforço maior nesse mesmo sentido.

Por isso, mãos à obra, todos, cada um dentro do seu Grupo, Região, cargo ou dentro de si próprio, sem desfalecimentos para mais nos aproximarmos do verdadeiro Espírito.

Lembro agora uma frase do chefe brasileiro Floriano de Paula: «O escotismo é como uma bicicleta. É necessário pedalar para manter o equilíbrio. Parar é cair!»

Por isso, aproveitemos a embalagem adquirida, continuemos pedalando com passada certa e com força, porque a subida é íngreme e comprida e temos de a vencer.

É Portugal que assim no-lo exige!

José Maria Nobre Santos
Secretário das Relações Internacionais

FRATERNAL DOS ANTIGOS ESCOTEIROS

Temos recebido ùltimamente muitas consultas de Antigos Escoteiros sobre a Fraternal e sua organização.

Sentimos ter de informar que nada sabemos da Fraternal e não nos consta que a sua Direcção tenha tido qualquer reunião para prosseguir na organização dos seus serviços.

Devemos, porém, esclarecer que o «*Sempre Pronto*» já nada tem com a Fraternal. O nosso trabalho de organização terminou com a eleição dos Corpos Gerentes da Fraternal. Esta tem hoje os seus órgãos e os Antigos Escoteiros podem intervir directamente através da sua Direcção, do Conselho Fiscal e, em última análise, do Conselho Nacional. Estamos, porém convencidos que a Direcção da Fraternal continua interessada em bem desempenhar o encargo que recebeu, e só motivos imperiosos deverão ter retardado as suas actividades.

UM INQUÉRITO DO «SEMPRE PRONTO» AOS SEUS LEITORES

DEVEM OS ESCOTEIROS FUMAR?...

O «*Sempre Pronto*» convida todos os escoteiros, de todas as idades, Juniores, Seniores e Dirigentes a fazer o seu depoimento. Devem fumar os escoteiros, porquê? Não devem fumar. Porque não? Mandem-nos as vossas produções, escrevam os vossos argumentos. Todos os depoimentos, desde que sejam feitos com correcção, serão publicados.

Aqui estou eu "sempre pronto,, a aconselhar os outros a não fumarem, fazendo-os reparar no vício grave em que incorrem — afirma o Escoteiro Mariano Garcia Inácio, da Patrulha Águia do Grupo n.º 94, que tem 14 anos de idade e frequenta já o 4.º ano do Curso Comercial.

O tabaco é reconhecido actualmente pelos médicos como um veneno e, como tal, um vício grave que prejudica bastante o organismo.

O vício de fumar é um vício que todos deviam evitar porque o fumo, entrando no organismo, queima-o e intoxica-o lentamente. Por aqui se vê que uma pessoa que fuma não pode ser tão saudável como outra que nunca fumou.

A quem o tabaco faz mais mal é principalmente aos rapazes de tenra idade porque o organismo ainda é fraco e não aguenta um veneno daqueles; e estes rapazes fumam sem saber porquê, talvez por verem os outros e não quererem ser menos que eles.

Assim acontece de facto, os rapazes julgam-se com mais personalidade tendo o cigarro na boca, mas não: um rapaz a fumar torna-se ainda mais criança.

Digo isto porque também fumei; fumei sim, não se admirem e podem ter a certeza que não tenho vergonha de o dizer, porque falar verdade nunca envergonha ninguém, principalmente um escoteiro como eu tenho a honra de ser.

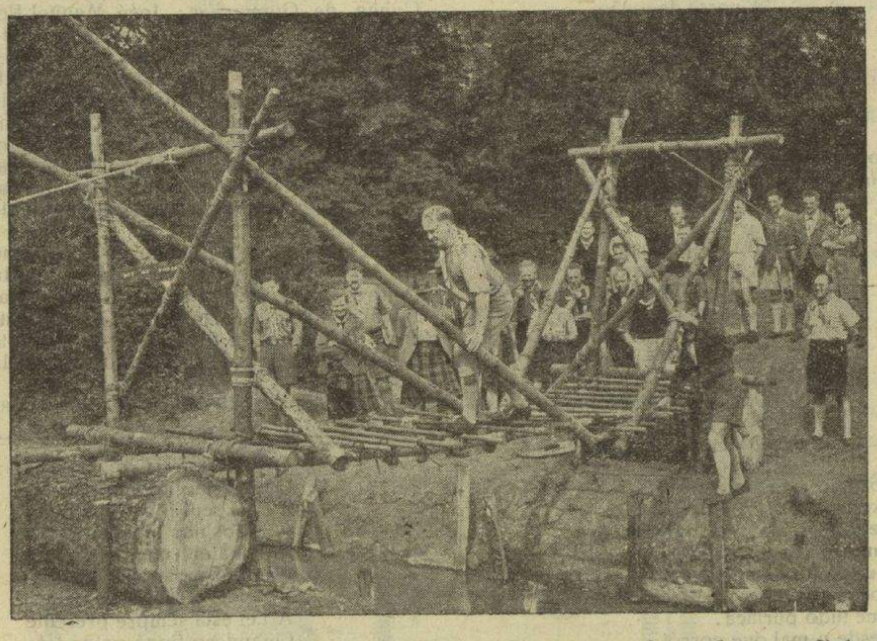
Como ia a dizer, apesar da minha pouca idade, também fumava, mas houve quem me aconselhasse a não o fazer e eu, pensando bem nessas palavras, deixei de fumar, reconhecendo que era um vício perigoso.

Aliás porque havia eu de fumar, meu pai nunca fumou, meus avós também não, porque havia eu de contaminar de vício uma geração cujos antepassados nunca o tinham feito?

E aqui estou eu «SEMPRE PRONTO» a aconselhar os outros a não fumarem, fazendo-os reparar no vício grave em que incorrem.

MARIANO GARCIA INÁCIO

Escoteiro n.º 5 da «PATRULHA ÁGUIA» do Grupo n.º 94



Em «Gilwell-Park», Inglaterra, os delegados à reunião dos Directores dos Campos-Escolas de Chefes efectuaram diversos exercícios técnicos.
Eis uma ponte construída nessa ocasião. (Vide notícia no número de Dezembro)



SEMPRE GUIA!

Pode-se ser sempre, sempre, Guia?

Sim; sem dúvida, sempre se poderá ser Guia, em tudo quanto o espírito e alma da obra de Baden-Powell, com referência à educação feminina, se refere; porém já não assim, quanto ao facto material dessa mesma obra, por todas nós tão amada. Todas sabeis, e agora me dirijo especialmente àquelas que já tomaram sobre si certa parte da responsabilidade que como mulheres lhes corresponde na vida, — como por exemplo a formação de uma família própria, por ser este o caso mais lògicamente frequente que a uma Guia se pode apresentar, resultando difícil, a maioria das vezes, continuar ocupando o antigo posto no Grupo, ou efectuando as antigas saídas, quando toda a nossa atenção é requerida por outros casos e coisas de primordial importância na nossa vida, tanto física como moral.

É de todo impossível, e até inconveniente, atender os nossos próprios filhos, sobretudo quando estes são ainda bebés, e, ao mesmo tempo, a esse Grupo de preciosas Fadas postas debaixo do nosso cuidado, ou conquistar novas amizades, ou nova forma de vida, com os frequentes acampamentos e reuniões do Grupo. Indubitàvelmente, quando a hora soou, devemos deixar definitivamente as nossas passadas obrigações guidistas, e aprestar-nos a ser úteis nas formosas fileiras da Reserva Guia. Querer proceder doutra maneira, isto é, pretendendo contrabalançar umas e outras obrigações, seria expor-se a deixar-se ficar para trás no melhor dos casos, e, no pior, significar um horrível obstáculo e estorvo no livre e bom funcionamento do grupo de guias. Devemos saber dizer adeus sorrindo aos passados dias, e dirigir os nossos olhos risonhos aos que tenham de vir.

Os grupos da Reserva Guia oferecem às raparigas guias a feliz continuação dos seus ideais, perfeitamente compaginados com as suas tarefas domésticas, sociais ou cívicas. A Reserva Guia tem por objectivo agrupar a todas as que já não podem seguir a vida activa de Guias ou de *Rangers* e oferecer-lhes a possibilidade de continuar sendo membros do Movimento Guidista

Mundial, debaixo da base das suas novas possibilidades como mães e donas de casa. Os grupos da Reserva Guia traçam os seus próprios programas de actividades, de serviço à comunidade, de ajuda às Guias da sua povoação, de apoio moral e material àquelas antigas companheiras que se encontrem nalguma dificuldade...

Assim, pois, quando vos chegue a hora, deveis tomar o vosso lugar tranquilamente nas fileiras daquelas que por haverem passado a idade ou por não poderem corresponder às condições indispensáveis a toda a Guia activa, formam tão dignamente a retaguarda do Guidismo Mundial. É então o momento de vos ocupardes com o maior cuidado daquela Guia que há tanto tempo se «desgarrou» das vossas fileiras, ou de levar umas palavras de alento e umas horas agradáveis àquela outra que, sabendo tudo quanto necessita, um dia por outro, esperou, em vão talvez, a vossa ajuda, porque todas nós sabemos quão difícil é ser perfeito e cumprir exacta e perfeitamente o nosso decálogo. Sòmente o auxílio de Deus nos fará chegar à feliz meta, sem ter que esperar esse momento para pôr em prática essas coisas.

E também será então o momento de alentar as novas filiadas do Guidismo e de fomentar com o nosso exemplo, mais que nunca, novas prosélitas para esta grande obra educativa que, iniciada apenas há alguns anos, conta agora nas suas fileiras com muitos milhares de mulheres, espalhadas pelo mundo inteiro.

LORETO AZPEITIA Y LOPEZ DE AYALA

«ALMA AZUL»

• • o • •

Major Joaquim Duarte Borrego

Este nosso prezado amigo e antigo dirigente escotista, foi recentemente agraciado com o grau de Comendador da Ordem Militar de Avis.

Por este motivo, endereçamos-lhe os nossos cumprimentos de felicitações.

• • o • •

O XXXVIII Aniversário da Fundação do Grupo n.º 2

No sábado, 2 de Dezembro p. p., na sua nova sede, o Grupo n.º 2 comemorou com um chá de confraternização a que presidiu o Escoteiro-Chefe Geral Sr. Luís Tovar de Lemos, que durante muitos anos chefiou aquele Grupo, e no qual tomaram parte muitos escoteiros e pessoas de suas famílias.

O Grupo n.º 2 fez acompanhar o chá com uma sessão recreativa, oferecendo aos seus convidados uma noite alegre.

A sede do «2» está ornamentada com gosto, com decorações interessantes, procurando tirar o melhor partido da sua «cave». O «2», animado dos melhores propósitos, está aumentando o seu efectivo, e merece que os seus antigos membros o ajudem a pagar a renda da sede, inscrevendo-se como sócios auxiliares.

Este número foi visado pela Comissão de Censura.

Ritual Escotista

EM CAMPO

Conforme prometemos, vamos dar aos nossos leitores o ritual que os escoteiros do Norte usam no cerimonial do Fogo do Conselho. Dada a sua grande extensão teremos de o fazer por partes.

FOGO DE CONSELHO

1.º — No centro da clareira está a pira de lenha; em volta os Escoteiros formam em ferradura, ficando a abertura para o Sul; na abertura estão Dez Escoteiros envoltos em lençóis, tendo, cada um, um archote. O Chefe coloca-se no centro da parte circular da ferradura. No gongo, o Chefe de Campo bate as 11 horas. Acendem-se os archotes. O Chefe de Campo manda: SENTIDO!

Todos cantam:

Irmãos! chegou a hora
Do Fogo de Conselho,
Deixai o serviço agora,
Pois que o FOGO VERMELHO
À sua volta quer
A todos aqui ver.

Acorrei sem demora
Que pode-se extinguir,
E em breve chega a hora
De em Paz irdes dormir.
Trazei vossa alegria
A este fim de dia.

E, como o Chefe vai falar, todos o saúdam com o:

Aripum, pum, pum, pum! *etc.*

2.º—INVOCAÇÃO:

O Chefe avança três passos e diz:

Escoteiros:

Por Deus, o Criador,
Pela Pátria, nossa Mãe,
P'lo nosso semelhante
A quem nós dedicamos
Um grande Amor também,
Aqui nos reunimos;
E graças vimos dar
Àquele a quem servimos
Por termos mais um dia
De vida salutar.

Na mística que envolve
A nossa devoção,
O Fogo de Conselho
É a reunião
Em que o irmão mais velho,
Cumprindo o seu Dever,
Vos fala ao coração.

Com garbo e alegremente
Ouvi atentamente
O que vos vai dizer:

O CHEFE instituiu,
A moda lá da Selva,
Que no Fogo de Conselho,
Assente sobre a relva,
No centro da clareira
Uma grande fogueira
Acesa fosse a lenha,
Por ser princípio velho
Só expurgar o Fogo
O mal que a Tribo tenha.

Por isso, enquanto arde,
Expurgai-vos sem demora
De todo o mal que tiverdes,
Antes que venha a ser tarde
Ou tenha passado a hora;
Porque o Fogo é o elemento
Que tudo purifica.
Desde o mal que corrói
Ao que apenas prejudica
Tudo o Fogo destrói.

O Fogo é pois como a Lei
Que nesta vida nos guia
E com seus fachos de Luz
A todos nos alumia.
Envolta em mantos d'alvura
P'ra nos mostrar a candura
De todo o seu proceder,
A Lei está sempre presente
Quando o Fogo vai arder.

(Continua)

Noções Gerais de Anatomia

(Continuação do número 65)

Os ossos unem-se entre si de diferentes maneiras. O modo de união de dois ou mais ossos podendo mover-se um sobre o outro, dentro de limites variáveis, chama-se **articulação.**

Os elementos que constituem uma articulação são os seguintes:

1.º—Os **ossos** (que acrescentam, no seu ponto de junção, superfícies que se adaptam umas às outras de diferentes maneiras, segundo os movimentos que a articulação executa).

2.º—Cartilagens articulares (que são dotadas de grande elasticidade, protegem as superfícies ósseas articulares, evitam o atrito destas e facilitam o escorregamento de umas sobre as outras).

3.º—A **Sinovial** (que é uma membrana delgada, mole e transparente, que forra internamente os ligamentos sem cobrir as cartilagens).

4.º—A **Sinóvia** ou **Líquido sinovial** (que é uma substância viscosa que serve para lubrificar as superfícies articulares, facilitando assim os movimentos da articulação).

5.º—Os **ligamentos** (que são órgãos flexíveis e muito resistentes constituídos por espessamentos de cápsula, ligando os ossos entre si, regularizando os movimentos da articulação e protegendo a sinovial).

6.º—**Rebordos marginais** e **meniscos interarticulares** (os primeiros servem para aumentar as cavidades articulares; os segundos para as dividir total ou parcialmente).

• • o • •

Cumprimentos de Boas Festas ao "Sempre Pronto,,

Tiveram a gentileza de nos endereçar cumprimentos de Boas Festas os nossos estimados amigos Srs. António C. S. Morgado, de Leiria; Arménio Ribeiro da Cunha, de Guimarães; José Manuel Pereira, de V. R. de Santo António; João Godinho, do Entroncamento; João Gomes Alves, Justino Estêvão da Silva e Wolfgang Karl de Lisboa; David Barros, do Rio de Janeiro; Gabriel J. Cifre, de Buenos Aires; Jean Vilar e Esposa, de Perpinhão; Enrique Genovés e José Magalón, de Madrid; Rafael Palácio e Emílio Beut, de Valência; Joseph Palout e Raimond Sagué, de Barcelona.

A Direcção e a Secção de Campismo do Ateneu Comercial de Lisboa, Junta Central e Região de Lisboa do Corpo Nacional de Escutas, Clan «Lobo Gris» de Madrid; Ottosgráfica, L.da; Grupos n.os 5, 9, 33, 52, 53, 84 e 93, e da Região Centro da A. E. P.

A todos agradecemos reconhecidos.



Grupo n.º 6 — Olhão

SECÇÃO LOBITO

Em princípios de Outubro, tomou conta desta Secção a auxiliar Maria Elvira Gomes de Matos, do Departamento local da D. A. F., sob a orientação do Chefe Adjunto do Grupo.

Nesta Secção, que conta 20 elementos, entre Lobitos e aspirantes, reina grande entusiasmo.

ACAMPAMENTO DE FIM DE ÉPOCA

Em 28 e 29 de Outubro, organizou este Grupo um acampamento, em Belmonte, para encerramento da época de verão. Na noite do primeiro dia, durante o «Fogo de Conselho», prestaram Compromisso de Honra os aspirantes Rui Amálio Franqueza e José Dionísio Sebastião e fez a sua ratificação o roteirista Uvalino Bento Rosa, por ter sido readmitido no Grupo.

O primeiro ingressou na Patrulha «Andorinha» e os dois últimos, na «Egas Moniz».

TAÇA «JOÃO TRIGUEIROS»

Em 15 de Outubro, realizou-se o exercício-jogo anual para disputa da taça. Como de costume, a acção decorreu no terreno bravio e difícil do Cerro da Cabeça e houve que conquistar um «tesouro» (a taça), após seguimentos de pistas, de cróquis topográficos de antemão preparados, mas secretos; de trocas de mensagens por homógrafo e por Morse, de seguimento de direcções com o auxílio da bússola e de «combates», a eliminar, com projécteis de papel. No final, os «agressores» tiveram de pensar as «feridas» dos «agredidos».

Esta é uma actividade apaixonante, ainda que um tanto difícil, pois além dos conhecimentos de técnica escotista, os jogadores têm de pôr à prova a sua inteligência, a astúcia, as faculdades de dedução, a lealdade, o auto-domínio, o espírito de equipa e a decisão, nos momentos difíceis.

As patrulhas «Galo» e «Andorinha» foram desclassificadas por não terem seguido correctamente os croquis topográficos.

Ganhou a Taça a Patrulha «Egas Moniz» que teve a sua missão muito facilitada pela desclassificação daquelas duas patrulhas, apesar de, sòzinha, ter feito frente à «Tigre» e à «Águia».

Depois do repouso que se seguiu ao almoço, visitou-se e explorou-se ao máximo a Furna do Garrafão.

BIVAQUES

Em 5 de Novembro, teve lugar um bivaque das quatro patrulhas juniores, na Mata dos Eucaliptos. As actividades constaram de treinos com vista ao próximo concurso «LUIS GRANJA».

Na mesma Mata, mas em local convenientemente afastado, bivacou a D. A. F. com os Lobitos.

No mesmo dia a Patrulha «Egas Moniz» deslocou-se ao Cerro de S. Miguel, com o fim de elaborar, secretamente, um croquis topográfico de caminhos desconhecidos para nós, a ser utilizado num próximo exercício-jogo.

ENTRONCAMENTO

GRUPO N.º 84

Comemoração do 5.º Aniversário do Concelho do Entroncamento

Associando-se à comemoração do 5.º Aniversário da criação do Concelho desta Vila, em 24 de Novembro findo, o 84, às 9 horas procedeu ao içar da Bandeira Nacional e da Câmara, no edifício dos Paços do Concelho, tendo a Banda executado o Hino Nacional. Seguidamente a Banda percorreu as principais ruas desta Vila executando algumas marchas.

Pelas 13 horas realizou um concerto no Jardim Parque sob a regência do Sr. António Amilcar Correia, que foi muito aplaudido. Após este concerto, foi a Banda e o Grupo prestar recepção ao Sr. Governador Civil de Santarém, que aqui se deslocou em visita oficial.

— • o • —

LIVROS ESCOTISTAS

Les Ponts	15$00
Tresses et Nœuds Décoratifs	15$00
Nœuds et Passerelles	15$00
À L'Échelle, manual de topografia	15$00
Sois um Chef, notas a propósito do sistema de patrulhas	12$00
Trente Garçons, Prática do trabalho do Chefe Escoteiro	12$00
Camps Éclaireurs	15$00

Todas as obras de Baden-Powell, em francês

Calendários Escotistas

dos «Éclaireurs Unionistes de France» para o ano de 1951 — 7$50

O Guia do Chefe Escoteiro

de Baden-Powell (edição brasileira) — 11$00

À venda na Redacção do «Sempre Pronto»

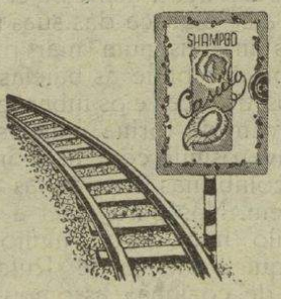
LÂMPADAS
LUMIAR

Empresa Nacional de
Aparelhagem Eléctrica
Avenida 24 de Julho, 158
Telefs. 6 2177/78 • LISBOA

MOTORES
ENAE

O ÚNICO CAMINHO SEGURO PARA EVITAR A CALVÍCIE:

SHAMPOO - CASULO!



O «Shampoo-Casulo» dá espuma abundante e compacta como nenhum outro, não é cáustico, não tem potassa, nem amónia, nem sabão oxigenado e dissolve caspa e seborreia.

Não há outro Shampoo igual, evita a queda do cabelo e as cabeleiras tornam-se mais fortes, espessas e onduladas.

Depois da lavagem com o «Sampoo-Casulo» para fixar os cabelos, visto que ficam desengordurados e soltos, empregar um pouco de vaselina sólida ou líquida que também é boa para o cabelo.

— II —

O «Shampoo-Casulo» que custa 5$00 e 4$00 cada carteira, respectivamente, para senhora e para homem, vende-se nas principais perfumarias, farmácias e drogarias do País, mas se não o encontrar no seu fornecedor habitual peça pelo Tel. 3 8232 ou à

SOC. PORTUGUESA DE SABÕES, L.DA
RUA DOS LUSÍADAS, 29 — LISBOA

que lhe será fornecido, pelos mesmos preços, contra selos do correio



Brincando aos nós

Este domingo amanheceu chuvoso, e os Lobitos não puderam sair para o campo. Por isso «Piky» convidou o Bando a passar o dia em sua casa o que foi aceite com entusiasmo, porque a casa de «Piky», no bairro novo, rodeada por preciosos jardins e com uma magnífica horta que desce por entre elegantes «vilas» e «chalets» até à margem do rio, é um tentador convite, mesmo num dia de chuva. Felizmente que èm toda a manhã esta abrandou e inclusivamente o sol chegou a brilhar durante três longas e belas horas, nas quais foi permitido aos Lobitos brincar por toda a quinta segundo a sua fantasia, capitaneados por «Piky». À tarde o céu voltou a cobrir-se e choveu torrencialmente, desta vez sem indícios de parar. «Piky», obedecendo à tia Carlota, foi com os seus amigos para o lavadouro, porque a sala de brincar é demasiado próximo dos aposentos do avô. O lavadouro ficou depressa convertido por arte e graça das suas imaginações infantis num mar proceloso de piratas onde as baleias, os pinguins, as focas e os tubarões se misturavam da forma mais estupenda e inverosímil com as bombardas, as colubrinas e as achas de abordagem. Mas para dizer a verdade, aquilo não durou muito tempo, porque a cabeça de «Rufa» o «bicho de cozinha» assomou à porta dirigindo os olhitos brilhantes e escuros para «Piky».

—...A Senhora manda dizer que não faças tanto barulho porque dói a cabeça ao teu avô e porque tem visitas...

«Rufa» é sobrinha da cozinheira e conta apenas dezasseis anos. Faz quinze dias que chegou da província, mas durante este tempo tomou tais ares de superioridade sobre o nosso Lobito, que o trazem particularmente nervoso. Também a maneira de falar desta pequena, consecutivamente, sem fazer uma única pausa, desconcerta por completo «Piky» que, neste momento, com um trapo negro à laia de bandeira numa mão, e um pau na outra, ficou a olhar para ela assombrado. Não devia ter agradado à «Rufa» esta olhadela porque saiu fechando a porta de arremeço.

—Ah! Senhor! A que se poderá brincar sem fazer barulho? Começam a contar histórias mas, sem darem por isso, vêem-se metidos numa terrível caçada de leões pelas selvas vastas e verdes da África do Sul... E, claro está, já se sabe que esta brincadeira não se caracteriza precisamente por ausência de ruídos. Agora é a cabeça ruiva da tia Carlota a que aparece seguida da de «Rufa».

—É preciso vigiar estes meninos.

Não seduz a «Rufa» ficar com eles toda a tarde, mas como é isso precisamente o que ordena a tia Carlota, resolveu sentar-se junto dos pequenos com uma novela volumosa nas mãos.

—Ao primeiro que se mexa «esmurro-lhe um olho»,—diz a «Rufa» começando a ler sem olhar para eles. E como a frase é contundente, o Bando fica triste e cabisbaixo. Sòmente «Piky» quer saber o que significa isso de «esmurrar um olho», mas como não obteve resposta, cala-se desesperado.

Então «Tody» aproxima-se dum montão de cordas que há a um canto e lança uma feliz ideia. Brinquemos aos nós. E como o que têm brincado até agora carecesse de importância em comparação com a nova brincadeira, os Lobitos agruparam-se em volta de «Tody» que vai repartindo as cordas. O nó de correr, cadeira de salvação e nó de barqueiro, vão surgindo dentre os deditos como se a corda fosse uma caixa de surpresas donde pouco a pouco as pequenas mãos sacassem a graça perfeita dos bem entroncados nós. De repente, «Piky» fixa o seu olhar em «Rufa» absorvida por completo na leitura. «Piky» observa-a... e recorda. Recorda os índios livres das pradarias caçando a laço, os cavalos obscuros e ligeiros; recorda os admiráveis «cow-boys» do oeste americano.—Sim, brincaram aos nós, mas a nós, e a peles vermelhas, a laços e a vaqueiros do longínquo oeste. Brincaram a nós pràticamente, isto é, amarrando inimigos. E desta vez não foram apenas os olhitos de «Piky» que se fixaram em «Rufa».

Primeiramente brincaram silenciosos, preparando as cordas, mas depois, conforme as tribos Comanchos, avançavam e se aprestavam para a luta as dos Pawnies, voltaram os gritos e as loucas correrias dos Lobitos; e quando a «Rufa» quis manter a ordem, encontrava-se, como por arte de encantamento, sólida e firmemente amarrada à cadeira. Quando aos gritos da pequena acudiu a tia Carlota e a cozinheira, esta última teve que voltar à cozinha à procura duma faca para cortar as cordas que amarravam «Rufa».

—É terrível! Este menino é insuportável!—exclamou a tia Carlota. Mas «Piky» não o creu assim. Tanto ele como os seus companheiros, acharam que os nós estavam perfeitos, que não havia forma possível de os desfazer... E quando «Velho Lobo» chegou a procurar o Bando, encontrou-se com a algaravia da entusiástica das vozitas infantis.

—...Estavam tão bem feitos que não se podia desmanchá-los.

—...E já sabemos fazer nós!...

Contra o que «Piky» esperava «Velho Lobo» proibiu terminantemente voltarem a brincar aos nós fora do acampamento ou da Sede dos Escoteiros.

LORETO AZPEITIA Y LOPEZ DE AYALA
ALMA AZUL

Trad. do espanhol de *Lídia de Medeiros*.



Remessa das soluções

O nosso concurso tem causado o mais vivo interesse entre os nossos leitores, que nos têm remetido regularmente as soluções. Ainda é tempo de começar a concorrer, visto que o prémio é concedido a quem atingir 20 pontos.

Conforme os nossos estimados leitores podem verificar nas condições publicadas no número 63 (Julho) do nosso jornal, cada solução certa corresponde a um ponto e é, portanto, ainda possível alcançar os 20 pontos e o prémio respectivo.

PROBLEMA N.º 6

"Pata Tenra„ apresentou na reunião da patrulha uma estranha proposta:

A construção de uma sede própria com várias divisões iguais. Em cada divisão o número de portas estaria na proporção das janelas como 2 está para 3. Em toda a sede haveria o dobro de divisões como de janelas tem cada divisão. O número total de janelas e portas incluindo a entrada principal seria 481.

Quando perguntaram ao "Pata Tenra„ quantas divisões teria a sede e quantas portas e janelas teria cada divisão, embatucou, pois não esperava a pergunta.

Como a proposta não será aprovada sem se saber isto, "Pata Tenra„ espera que os leitores o ajudem a resolver o problema.

Solução do problema n.º 2

(As soluções são publicadas 90 dias depois de insertas)

Brado — rubro — braga — dardo — surto — briga — fugaz — praga — temor — trama — tento — pedra — frade — fraco — lapuz — trema — bardo — panca — grama

A barriga manda a perna

Solução do problema n.º 3

—O fósforo—